

# *Memória & escrita: o atravessamento de sentido das cartas no e-mail*

*Cristiane Dias*

Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP, Brasil

## **Resumo**

Este texto vai abordar as “novas formas de textualidade” oriundas das novas condições de produção da escrita na Internet. Para traçar essa reflexão, proponho analisar o modo como os sujeitos se relacionam através da escrita em duas situações: 1. uma conversa num bate-papo criado no MSN por alunos de uma escola particular de Curitiba, e 2. a narrativa do dia-a-dia de dois adolescentes de 11 anos e meio, após o primeiro beijo. Essa narrativa foi construída no livro infanto-juvenil **9 cois@s e-mail que eu odeio em você**, de Márcia Kupstas (2001), através de e-mails enviados por esses adolescentes a seus respectivos enamorados. Essas duas situações, cada uma a seu modo, vão produzir deslocamentos no sentido de língua e escrita quando significadas a partir da discursividade da Internet, mais especificamente, do correio eletrônico. Essa discursividade, porém, produz seus efeitos quando remetida a uma memória já-lá, a da troca de correspondência via correio tradicional.

**Palavras-chave:** memória, escrita, discursividade, internet.

## **Résumé**

Ce texte fait une approche a propos des « nouvelles formes de textualité » qui s’originent des nouvelles conditions de production de l’écrit à l’Internet. Pour développer cette réflexion, je propose d’analyser le rapport des sujets a travers l’écrit dans deux situations distinctes: 1. une conversation dans un chat à l’MSN, crée par des élèves d’une école de Curitiba, et 2. le récit du quotidien de deux adolescents de 11 ans et demie après leur premier bisou. Ce récit a été construit dans le livre **9 cois@s e-mail que eu odeio em você**, de Márcia Kupstas (2001), a travers des e-mails envoyés pour les adolescents à leurs respectives amoureux. Ces deux situations, chacune à sa façon, produisent déplacements dans ce qui concerne la notion de langue et écrit signifiés dans la discursivité de l’Internet, plus spécifiquement, du courrier électronique. Cette discursivité, cependant, produit des effets

quand envoyé à une mémoire déjà-là, celle de l'échange de correspondance par la poste.  
**Mots-clé: mémoire, écriture, discursivité, internet.**

## INTRODUÇÃO

Inserida no campo teórico da Análise de Discurso, parto da noção de língua enquanto materialidade, que tem relação com a exterioridade, para pensar os efeitos do uso do computador e da Internet na constituição do sujeito da Sociedade da Informação. Busco compreender como a língua significa em sua materialidade digital. Para tanto, interessa-me o amplo debate que tem sido produzido na sociedade acerca das novas formas de textualidade, sobretudo no âmbito das instituições formais de ensino, no que diz respeito ao modo como elas lidam com as novas formas de escrita, pesquisa e leitura que vêm atreladas aos novos artefatos linguísticos.

Para traçar essa reflexão, proponho abordar o modo como os sujeitos se relacionam através da escrita em duas situações, uma conversa num bate-papo criado no MSN por alunos de uma escola particular de Curitiba, e o livro infanto-juvenil **9 cois@s e-mail que eu odeio em você**, de Márcia Kupstas (2001), que narra o dia-a-dia de dois adolescentes de 11 anos e meio após o primeiro beijo, através de e-mails enviados por eles aos seus respectivos enamorados. Essas duas situações, cada uma a seu modo, produzem deslocamentos no sentido de língua e escrita quando esta é significada num suporte determinado, o papel-caneta, e/ou a tela do computador, o digital.

## O TRAÇO DE MEMÓRIA NO TRAÇADO DA ESCRITA

A representação de uma determinada tecnologia de linguagem e escrita não se constrói a partir do instrumento por si só, mas desse instrumento que é sócio-histórico e ideologicamente construído em seu funcionamento discursivo, em sua memória discursiva.

Barbara Cassin nos ensina que a forma da escrita muda de geração para geração, uma vez que se utiliza de diferentes artefatos linguísticos a sua disposição.

Gostaria de explicitar rapidamente o que representa a Net para alguém da minha geração, uma geração intermediária que não conheceu a tela e o teclado senão depois dos livros [...] Uma geração que também conheceu as cartas manuscritas, com grafologia instintiva e fórmulas de cortesia sociologicamente normalizadas, antes do correio eletrônico e seu "Bom dia" [...]. (2008, p. 19-20)

O funcionamento específico de uma tecnologia na sociedade permite a formulação de novas textualidades a partir do seu uso. A representação da Net para aqueles que a viram nascer não é a mesma representação para aqueles que nasceram com ela. Porque a memória que a constitui para uns e outros, é diferente.

O livro em análise, de Márcia Kupstas, é um bom exemplo que traz em sua forma o limiar dessas duas gerações. É um livro infanto-juvenil, em suporte papel/livro, que, no seu modo de construção narrativa aborda a questão da escrita no suporte digital, através da troca de e-mails. De um lado, temos os e-mails de Lis a Filipe. De outro lado, os e-mails enviados por Eduardo a Liliana. Na organização narrativa do livro, só após o envio de 9 e-mails é que aparece a resposta de Filipe e Liliana. É uma resposta curta, característica do modo de escrita no e-mail. Apesar disso, e de outras características da escrita no suporte digital que o livro traz, em sua forma narrativa de e-mail, ele mescla uma linguagem de quem “conheceu as cartas manuscritas, com grafologia instintiva e fórmulas de cortesia sociologicamente normalizadas [...]” (Cassin, 2008). Essa mescla causa um estranhamento uma vez que os e-mails são trocados por adolescentes de 11 anos, uma geração que nasceu com a internet e que, portanto, utiliza uma escrita muito mais fluida e criativa do que a representação de escrita demonstrada nos e-mails do livro.

O e-mail é um sistema de troca de mensagens anterior à criação da internet. A troca de mensagens é o primeiro passo para o estabelecimento da rede mundial de computadores. A escrita tem aí, portanto, um papel importante e decisivo no que concerne às condições de produção de uma sociedade voltada para a comunicação ou de uma sociedade da comunicação. A escrita é a marca de uma diferença que se estabelece na sociedade pós-moderna, na qual o ciberespaço, com suas interconexões e fluxos criativos, funda lugares de relação entre os sujeitos, laços sociais.

Segundo Jean-Claude Guédon (1996, p. 66), “o correio eletrônico constitui sempre a utilização mais freqüente da Internet. A rapidez e a facilidade de comunicação que ele oferece, representa muito mais que a extensão de funções já bem estabelecidas pelo correio, o telefone ou o fax [...]”<sup>1</sup>. Diz o autor que a internet cria um ambiente excepcionalmente rico para toda troca entre seres humanos, suscitando um estilo descontraído.

No livro de Márcia Kupstas, a utilização do e-mail como meio de troca

---

1 Tradução livre: “Le courrier électronique constitue toujours l’utilisation La plus fréquente de l’Internet. La rapidité et la facilité de communication qu’il offre représentent beaucoup plus que l’extension de fonctions déjà bien établies par la poste, le téléphone ou la télécopie [...]» (p. 66).

de correspondência entre os dois adolescentes deixa traços da memória discursiva da troca de cartas românticas entre namorados. Essa prática social da escrita muito comum no século XIX, XX, embora de maneiras diferentes, vai se deslocando na medida em que o computador e a troca de e-mails se estabelecem na sociedade, a partir dos anos 90. Há, nesse gesto, uma mudança na relação do sujeito com a escrita. Essa mudança ocorre em função das condições de produção não só da escrita no computador, mas também da vida numa sociedade de consumo onde tudo é descartável, tem pouca durabilidade, e onde a velocidade é uma condição da vida contemporânea. Mas a memória deixa seus traços. Vestígios de uma temporalidade outra na forma da escrita.

Cristiane  
Dias

38

Embora o livro de Márcia Kupstas traga alguns elementos característicos da forma escrita utilizada pelos jovens na internet, sua discursividade é constituída a partir dos efeitos de sentido de uma sociedade romântica, cujas condições de produção da escrita eram outras, conforme nos aponta Cassin (2008).

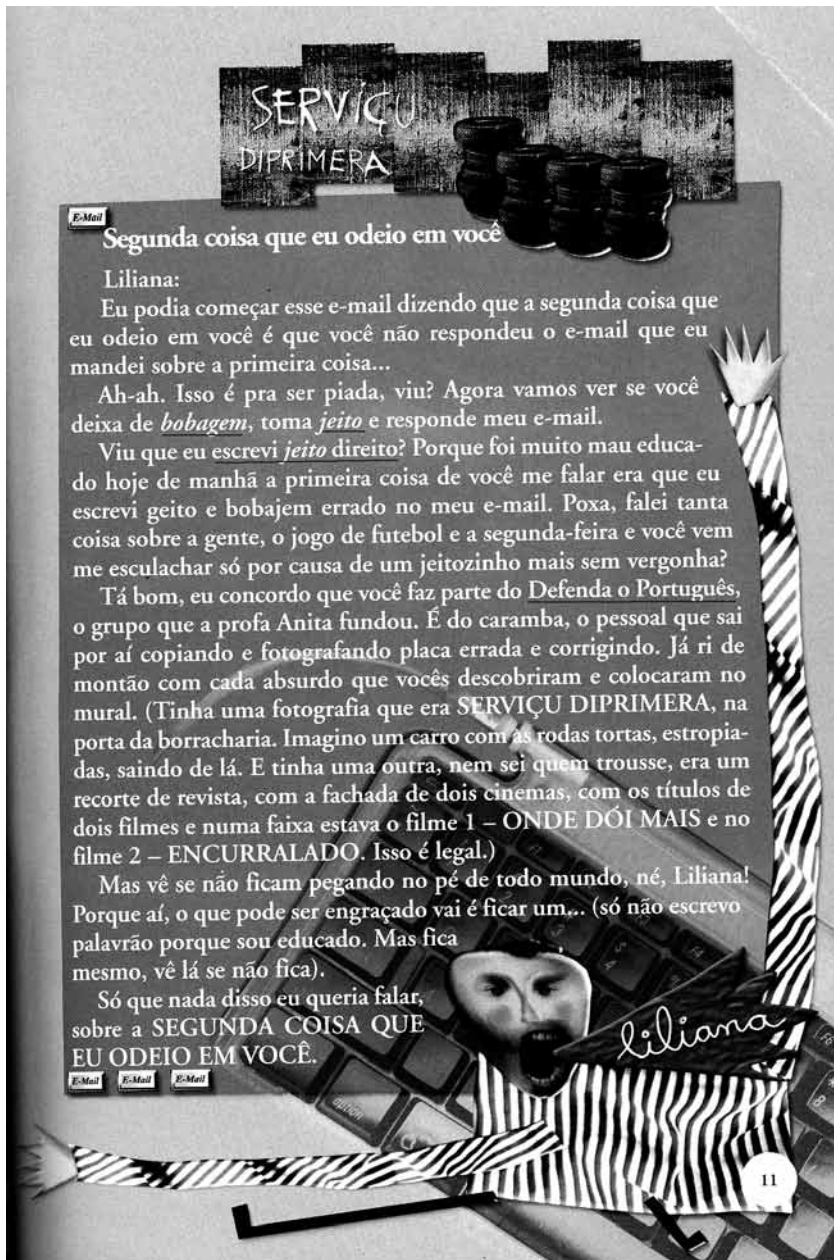
Além disso, o livro, no seu modo de construir a narrativa, reforça o discurso da correção ortográfica. É uma narrativa que se propõe explicativa, ela pedagogiza a escrita na internet reforçando o discurso salvacionista da língua portuguesa que está em voga quando do lançamento do livro, em 2001, no rol dos debates veiculados nos meios de comunicação<sup>2</sup> (programas de televisão, revistas de divulgação, revistas acadêmicas, internet) a respeito do Internetês, como tem sido chamada a forma de escrita utilizada na internet. O contexto sócio-histórico de produção desse livro infanto-juvenil é, pois, o de um debate em torno da ameaça que o uso da língua na internet poderia trazer ao ensino formal do Português, sobretudo no que diz respeito à grafia correta das palavras, uma vez que com a Internet, a troca de e-mails, as redes sociais, as conversas instantâneas, os blogs e os fóruns de discussão, há uma liberdade da escrita sustentada pela velocidade da troca entre os sujeitos, que permite aos usuários desses meios criarem uma forma de escrita que se utiliza muito da abreviação das palavras, do uso das onomatopéias, da ausência de acentuação, da troca de letras, enfim, dos recursos técnicos que o próprio programa permite utilizar e os muitos que o sujeito pode criar. É, pois, a própria velocidade da rede e das tecnologias de comunicação, que impõe uma forma de textualização específica.

Vejamos um recorte de um dos e-mails enviados no livro **9 cois@s**

---

2 Revista Época, set.02, edição 225 - "O Português.com"; IstoÉ independente, 08.ago.2008; Observatório de Imprensa -13.jun.2005 - "Do internetês ao Português: A volta do filho pródigo"; Programa MTV.

e-mail que eu odeio em você:



Memória  
& escrita

39

Figura 1 – segundo e-mail enviado pelo personagem Eduardo. Fonte: Kupstas, 2001.

Como podemos ver nesse recorte, ele é atravessado pelo discurso da correção, da “defesa do português”. É importante destacar aí que o in-

ternetês se confunde com “correção ortográfica”, desconsiderando que a escrita utilizada em e-mails, chats, blogs, conversas instantâneas, redes sociais, tem sua normatividade própria, embora seja uma normatividade sem rigor ou preocupação gramatical, cujo único intuito é a fluidez da escrita *on-line*, o que difere absolutamente da escrita formal ensinada na instituição escolar. Há, no entanto, uma confusão e um temor em relação a essa fluidez, que passa a significar o internetês como uma ameaça. O próprio Yahoo publicou, em 1 de abril de 2008, a seguinte brincadeira:

## Yahoo! adota o internetês para atrair mais jovens

Ter, 01 Abr, 04h31

Por Redação Y! Noticias

A partir di hj o Yahoo! adotarah 1 linguagem colokial mais parecida kom o "miguxes", ou "internetes", q agrada mais ao público alvo do portal: os jovens.

Hmm... você acha mesmo que nós escreveríamos assim? :-)  
O Yahoo! preza pela boa escrita e acredita que nossa língua portuguesa deve seguir suas regras gramaticais. Feliz dia 1º de abril!

Figura 2 – Texto publicado pelo yahoo em 1 de abril de 2008.  
Fonte: <http://br.noticias.yahoo.com/s/080401/48/gjtko.html>

Esse texto produz o sentido de que a utilização do internetês como forma de relação dos jovens em locais específicos da Internet exclui a boa escrita e as regras gramaticais. No entanto, os e-mails trocados pelos adolescentes no livro de Márcia Kupstas parecem fugir a essa regra, prezando pela “boa escrita”.

Nessa perspectiva, nem o Yahoo, na sua “defesa das regras gramaticais” e da “boa escrita”, nem os e-mails enviados pelos adolescentes-personagens do livro, na sua tentativa de “defender o português”, destacando os “erros” do seu remetente, condizem em sua prática de escrita com o modo de funcionamento da linguagem dos e-mails ou outros meios de troca de mensagens na internet, que prezam, não pela boa escrita, mas pela escrita criativa e fluida, arranjando-se fora de si mesma, como sistema de fluxo na multiplicidade da rede, no processo criativo do discurso da Internet.

## BATE-PAPO SOBRESCRITO(A)

A característica da Internet que a faz avançar a cada dia desde a década de 90 é o fato de que ela propicia encontros. E um encontro tem uma linguagem. Uma linguagem que toca duas partes que se encontram. Dizer que a Internet não tem fronteiras é certamente uma afirmação utópica do seu início, pois onde há implicações linguísticas há política e onde há política há demarcação de fronteiras. Por isso é preciso criar uma escrita comum de uma língua para que haja encontro, de modo a criar ambientes para a rede de relações.

O internetês é essa escrita das redes de relações, e isso se dá em qualquer língua funcionando no espaço ciber, pois a língua se materializa na escrita em função do espaço-tempo no qual ela funciona. O espaço define a temporalidade, e a temporalidade configura o espaço de construção de sentido. Na Internet, o espaço se configura pela temporalidade da escrita, o que a determina em sua forma abreviada, pela velocidade de suas condições de produção. Portanto, a escrita abreviada e acrônima é uma propriedade da velocidade do tempo de escritura naquele espaço discursivo que organiza e determina a relação entre o que é dito e o sentido que isso produz.

Vejam a forma da escrita no próprio funcionamento da rede, num bate-papo entre estudantes de uma escola particular de Curitiba no *chat* do MSN criado por eles:

\_wborges diz:

vc acha o Danilo Gentili bonito?

PROPRIETÁRIA — diz:

**axo0o0o0o**

[c=11]Ga[/c][c=2]bri[/c][c=6]ell[/c] diz:

**AFFF**

\_wborges diz:

**muuuito LINDO CARA**

. larissa diz:

**quem é esse ?**

\_wborges diz:

**mt mt mt mt mt**

\_wborges diz:

**haha eu fui num show dele aqui**

PROPRIETÁRIA — diz:

**mas o Marco Lucke eh mais fofinhu**

PROPRIETÁRIA — diz:

**aaaah serio**

. larissa diz:

**quem é esse ? [2]**

PROPRIETÁRIA — diz:

**heria ter ido**

PROPRIETÁRIA — diz:

**saum do CQC**

PROPRIETÁRIA — diz:

**toda segunda, 22 hrs na band**

. larissa diz:

**ah**

[c=11]Ga[/c][c=2]bri[/c][c=6]ell[/c] diz:

**22 HRS ?**

. larissa diz:

**eu assisto mas não sei os nomes**

[c=11]Ga[/c][c=2]bri[/c][c=6]ell[/c] diz:

**EKSOAPEKOSAE**

[c=11]Ga[/c][c=2]bri[/c][c=6]ell[/c] diz:

**pertei enter sem querer**

[c=11]Ga[/c][c=2]bri[/c][c=6]ell[/c] diz:

**putz**

[c=11]Ga[/c][c=2]bri[/c][c=6]ell[/c] diz:

**vao me lincha**

[c=11]Ga[/c][c=2]bri[/c][c=6]ell[/c] diz:

**to sentindo**

. larissa diz:

**sokaspokapsokaspokaskapoakspoas**

. Jéessica diz:

**mas é!**

PROPRIETÁRIA — diz:

**felipe andreoli, marcelo taz, rafinha bastos, marco lucke, rafael cortez e**

\_wborges diz:

**huahauhauha**

PROPRIETÁRIA — diz:

**putz... como q eh o pekeno ponei?**

. larissa diz:

**paoskpaoskpaoskpaoskaposkaskopkaskapoaskpoaskapos**

Ora, temos aí uma grafia bastante específica das mensagens instantâneas. A velocidade não é obviamente a única razão de ser da grafia utilizada na Internet. Uma outra razão bastante forte para mim é o fato de que grafar



uma palavra de determinado modo dá corpo ao sentido do que se quer dizer, o que eu tenho chamado em meus estudos de corpografia. Por exemplo, dizer **muuuuito LINDO CARA** adquire em sua grafia a forma do entusiasmo, destaca esse sentido, imprime esse sentido na forma escrita.

Mas a principal razão dessa grafia talvez seja justamente o fato de que, ao se apropriarem da sua língua, os jovens se apropriam de um espaço de criação que é a internet e a partir dela eles criam um mundo de condições para suas próprias relações, para a tessitura dos seus laços sociais. A velocidade é o fator que dá condições para que esse processo criativo ganhe forma. É preciso ser inventivo para se adequar à velocidade das conversas *on-line*.

## A MEMÓRIA INVENTIVA

*Memória  
& escrita*

---

43

Há um movimento no social que tem dado vazão a uma prática de criação em torno da língua. A Folha de São Paulo do dia 26 de janeiro de 2009 publicou na Folhateen, uma reportagem intitulada “Que língua é essa?” a respeito da criação de línguas por jovens.

### **“Jovens quebram a cabeça e inventam linguagens próprias para conversarem com os amigos ou darem voz a personagens de histórias fantásticas”**

Segundo esses jovens, essas línguas servem para que eles possam se expressar, fazer anotações pessoais, sem que ninguém tenha acesso ao sentido do que escrevem. Eles buscam a base de suas línguas em línguas antigas ou em mistura de línguas latinas<sup>3</sup>. Essa reportagem também traz como destaque a criação de línguas da ficção como os idiomas élficos de Tolkien, autor do “Senhor dos Anéis”, o dos Klingons de “Jornada nas Estrelas” ou as gírias dos jovens de “Laranja Mecânica”. Trago essa reportagem por duas questões que me chamam a atenção: 1) o fato de que a invenção, seja de uma grafia, de uma forma de textualidade específica, como é o caso do internetês, seja de uma língua, como nos casos citados na Folhateen, tem o intuito de dar forma a uma relação secreta, não legível aos que estão fora daquele universo criado; 2) o fato de que a Internet e os artefatos linguísticos disponíveis no espaço digital, como a Wikipédia, exemplo citado por um dos inventores referido na matéria da Folhateen, tem um papel

---

3 Ver mais detalhes na reportagem “Que língua é essa”, Folhateen, segunda-feira, 26 de janeiro de 2009.

importante nessa prática.

Quero com isso mostrar que a Internet, de um modo ou de outro, faz com que o sujeito reflita sobre sua própria língua, e é preciso que nós, linguistas, reflitamos também sobre ela levando em consideração essas novas textualidades.

Os logófilos modernos, inventores do teuto<sup>4</sup>, mu lanc<sup>5</sup>, maladês<sup>6</sup>, lisssemês<sup>7</sup>, não tem pretensão à universalidade, ao contrário, afirmam que o prazer da invenção de uma língua ou simplesmente da invenção de palavras, está na criação. É o prazer de criar estruturas outras, outros laços de significância, outros mundos com suas linguagens próprias que os impulsiona. E esse é um universo que nos cabe compreender.

Cristiane  
Dias

44

Segundo Pêcheux e Gadet (2004, p. 46), “nesse empreendimento linguístico selvagem, louco por palavras, não há separação entre o grito e o vocábulo, procuram-se as sementes das palavras entre os sons e o sentido, perseguem-se as palavras sob as palavras através das aliteraões, dos aco-plementos, das repetições e das equivalências”.

É esse empreendimento linguístico selvagem que faz com que o internetês se desenvolva apesar da “paranóia institucionalizada”, livre das coerções da forma ideal. Conforme apontei na introdução desse texto, a língua pensada enquanto materialidade tem seu sentido constituído através da sua relação com a exterioridade. É essa exterioridade, os acontecimentos histórico-sociais e culturais que dão à língua seu sentido, que fazem com que ela faça sentido. Nesse ínterim, a sociedade da informação e a cibercultura são determinantes para compreendermos que a língua passa a fazer sentido para a geração que nasceu com a Internet de um outro modo, que não é o mesmo modo que fazia para a geração que viu a Internet nascer. Não é possível, portanto, encerrar a língua e impedir que seu fluxo faça sentido na/com a história adquirindo uma sistematicidade aberta, fluida.

---

4 Língua inventada por Leonardo. Para saber mais, ver matéria da Folhateen de 26/02/2009.

5 Língua inventada por João Paulo Berrêdo. Para saber mais, ver matéria da Folhateen de 26/02/2009.

6 Língua inventada por José Luiz Freitas Aléo. Para saber mais, ver matéria da Folhateen de 26/02/2009.

7 Língua inventada por Ygor Coelho Soares. Para saber mais ver matéria da Folhateen de 26/02/2009.

PROPRIETÁRIA — diz:

**Miguel eu te blokiei**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

***ahehueahuae o miguel fico vermelho esses dias***

Miguel diz:

**N COMEÇA .-.**

PROPRIETÁRIA — diz:

**hahahaha**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

***aeuae hueueu euauhea eu nem fiz nada***

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

***o miguel***

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

***ta namorando ainda?***

Miguel diz:

**NAH**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

***humm...***

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

***viu proprietária. falei pra vc***

PROPRIETÁRIA — diz:

**verdade**

PROPRIETÁRIA — diz:

**agora sim**

PROPRIETÁRIA — diz:

**hauHAU hauHAU hau**

PROPRIETÁRIA — diz:

***lado negro c vai la amanha?***

Miguel diz:

**EU VO C VAI ?**

Miguel diz:

**KEASOPKEPSOA**

PROPRIETÁRIA — diz:

**UhuuLLL**

Miguel diz:

**( POKO INTROMETIDO )**

PROPRIETÁRIA — diz:

**vamooo**

PROPRIETÁRIA — diz:

**vamu intaum**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

***a ta entao vao vcs eu fico***

PROPRIETÁRIA — diz:

**no colegio a noite**

PROPRIETÁRIA — diz:

**vamu lado negro**

Miguel diz:

**AHHHHHHHH**

Miguel diz:

**PAREE**

Miguel diz:

**Q CHATISSE**

Miguel diz:

**-."**

PROPRIETÁRIA — diz:

**aaaah eu hero iiiiiirrrrr**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

**a ta é eu vo**

PROPRIETÁRIA — diz:

**c vai msmo?**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

**vo caralho**

PROPRIETÁRIA — diz:

**vo volta contigo pode?**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

**pode só q eu vo volta a pé eu axo**

PROPRIETÁRIA — diz:

**sim**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

**blz**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

**ueahueahuae**

PROPRIETÁRIA — diz:

**rs.**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

**7 horas ja ta escuro?**

PROPRIETÁRIA — diz:

**axu q jah**

PROPRIETÁRIA — diz:

**pq?**

LADO NEGRO DA FORÇA — diz:

**só pra sabe**

PROPRIETÁRIA — diz:

**vai la Gabriel tbm**

Gabriel diz:

**EH OBRIGADO A IR -."**

É importante lembrar que se pensarmos a língua como sistema de diferenças, tal como refere Claudine Normand (s.d.), podemos afirmar que temos aí uma via aberta para pensarmos que os modos de escritura incorporam o mundo em sua materialidade, criando o outro da língua. É nesse outro da língua que reside o simulacro: “sistema em que o diferente se refere ao diferente por meio da própria diferença” (Deleuze, 1988, p. 437). Ou seja, sistema em que a língua se refere à língua por meio da diferença que a constitui em relação a ela mesma, dando, assim, lugar à polissemia. Por essa razão, a grafia do internetês não quer representar estruturas cristalizadas da língua padrão, não quer responder a uma representação da língua, mas simular, criar no próprio real da língua.

## CONCLUSÃO

Na medida em que utilizamos novas técnicas de escrita, a língua necessariamente sai do seu eixo e não se pode mais concebê-la do mesmo modo e a partir dos mesmos conceitos que a constituíram de determinado modo uma vez sustentados em técnicas diferentes. Nesse sentido, analisei o funcionamento da língua na materialidade digital através de duas diferentes experiências escritas, mas que tinham em comum uma preocupação com a fluidez da língua em relação a um suporte específico, a um meio específico.

Com isso, meu intuito foi mostrar o modo como duas diferentes gerações lidam com essa linguagem da Internet. De um lado, a autora do livro na relação com o e-mail, assumindo a posição de seus personagens, dois adolescentes de 11 anos e meio, e o sentido que o e-mail constitui para o adolescente nas suas relações afetivas, e de outro lado, os próprios jovens estudantes do terceiro ano de uma escola particular na prática dessa escrita num bate-papo criado por eles no MSN, dando forma, corpo ao sentido de suas relações, pois, como ensina Orlandi (2001, p. 9) “formular é dar corpo aos sentidos”.

Dessa análise o que me interessa aqui destacar é o fato de que o resultado são duas formas escritas bastante diferentes, embora ambas escritas por gerações que cresceram com a Internet. O que ocorre evidentemente é que no caso dos personagens do livro há um efeito ideológico que faz com que a representação da escrita na Internet entre adolescentes passe por outros imaginários, que são os da autora e não o dos adolescentes-personagens.

Nessas diferentes manifestações da língua é possível compreender o modo como a relação do sujeito com o conhecimento muda a partir dos artefatos linguísticos disponíveis. Com essa mudança na relação com o co-

nhecimento muda, necessariamente, a produção do conhecimento sobre a língua, que passa a ser regulada por outros imaginários, deslocando o sistema linguístico normativo, reestruturando a língua em função de uma necessidade do espaço-tempo tecnológico. Cria-se, em função dessa prática da escrita, uma normatividade linguístico-tecnológica, configurada pela velocidade da rede como uma dimensão do espaço social contemporâneo e pelo espaço digital como uma dimensão do discurso sobre a língua.

*Recebido em janeiro de 2009 / Aceito em maio de 2009*

*Cristiane  
Dias*

---

48

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIN, B. **Googléame**: La segunda misión de los Estados Unidos. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica: Biblioteca Nacional, 2008.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DIAS, C. **Da corpografia**: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Santa Maria: UFSM – PPGL, 2008. (Série Cogitare, v. 7)

GUÉDON, J-C. **La planète cyber**: internet et cyberspace. Paris: Découvertes Gallimard, 1996.

NORMAND, C. Métaphore et concept saussure/freud. **Dialectiques**. n. 8. s.d.

KUPSTAS, M. **9 cois@s e-mail que eu odeio em você**. São Paulo: FTD, 2001.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **A língua inatingível**: o discurso na história da lingüística. Trad. Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004

